



Karine Garcêz  
Fotógrafa

# Fé, solidariedade e fotografia: a missão de vida da mulher que rompe paradigmas para ajudar

Ninguém é igual a ninguém. No entanto, essa singularidade comum a todos é algo exacerbado em Márcia Karine Gomes Garcêz. O olhar firme e o sorriso aberto, em lábios sempre coloridos de batom, constituem a feição alegre no rosto emoldurado pelo véu. Ele sempre está ali. Marca que distingue a mulçumana em meio à sociedade alencarina. Movida pela fé, pelo amor ao próximo e pela paz, ela sonha em continuar ajudando as vítimas da guerra.

O colorido não está apenas nos lábios. Também alegre as roupas e a casa de Karine – em paredes, quadros, panos e ornamentos cheios de vida. Da vida dela. Vida muito bem vivida, com dificuldades superadas e alegrias sentidas nas cores que transbordam no sorriso e nos atos de bondade por quem precisa. Sentimentos que fluem de Karine de forma natural, incrivelmente efusivos e leves, contagiando quem tem a sorte de conviver com ela.

Foi em Redenção, no interior do Ceará, que essa profusão de afetos, talentos e ousadia começou a ser forjada. Influenciada pela solidariedade comum à família, pela veia política do pai, José Ribamar Garcêz, e pelo temperamento forte da mãe, Ivoneide Gomes Garcêz. Como uma colcha de retalhos diferente e harmoniosa, ela é mulçumana, feminista, mãe, amiga, fotógrafa, artesã, voluntária, futura diplomata... E pode ser mais. Pode ser o que quiser. Ela é livre!

Por ser livre e decidida, ela enfrenta preconceitos por causa da fé. O encontro com o Islã foi o momento de completude na vida da fotógrafa. Hoje, Allah está presente em tudo. Karine e sua fé são um só, mistura indivisível para quem convive com ela, mesmo que por alguns instantes. Karine surpreende, quebra paradigmas. A feminista defende os direitos

das mulheres dentro da religião, motivos a mais para sofrer preconceito. Mas ela não fica calada ao sofrer insultos, responde à altura. Assim como revida as peripécias da vida.

Desde pequena, Karine ousa, vai lá e faz. O sentimento de inquietude ante às injustiças da vida a fazem arriscar para tentar mudar a realidade dos oprimidos. Seja quando ainda criança, ao defender com unhas e dentes os irmãos, seja na Faixa de Gaza, ao ajudar vítimas da guerra. A dor do outro a faz colocar as injustiças sofridas por ela mesma no bolso e seguir com apenas coragem no coração. Ela vai ao desconhecido, pelo desconhecido. Deixa o lar para sacrificar a si mesma em lugares inexplorados por ela.

A garganta embarga ao falar das cenas a que já assistiu. Os olhos quase nunca derramam lágrimas, mas isso não é sinal de frieza. Apenas autoproteção, pois o coração chora. Chora a dor de quem sofre. Por quem sofre é que ela se despe dos próprios medos para, com coragem, abraçar o outro. Acalentar. Ajudar. Fotografar. A fotografia é sua arte, é o meio pela qual ela luta.

Para registrar com a câmera as mazelas do mundo que os olhos capturam, ela se faz ainda outra mulher. A artesã. Costura, enfeita, borda, faz e desfaz. Assim como na própria trajetória, ela tece arte para alcançar o sonho: ajudar as vítimas de sofrimento e descaso. Com a fotografia, ela mostra ao mundo o que o mundo não quer ver.

Com o coração aberto, temperamento forte, olhar acolhedor, ela continua a ousar, enfrentar, tentar. O anseio do coração a faz continuar a lutar e a se construir. Ela não se define. É quem é. Vive o que acredita e acredita em um mundo melhor. Talvez seja uma utopia. Mas o que Karine sabe é que está lutando para conquistá-la.

**Equipe de Produção:**  
Claryce Oliveira  
Theyse Viana

**Entrevistadores:**  
Aline Medeiros  
Ana Rute Ramires  
Caio Vitor  
Carol Melo  
Claryce Oliveira  
Diego Barbosa  
Julia Ionele  
Kamylla Karen  
Nícolas Paulino  
Theyse Viana

**Texto de abertura:**  
Ana Rute Ramires

**Fotografia:**  
Iury Figueiredo



Entrevista com Karine Garcêz, 31 de maio de 2016.

**Theyse** – Eu acho que como pergunta mais importante sobre a tua infância, a gente quer saber: quais são as tuas lembranças mais vívidas dessa época, da infância em Antônio Diogo (*distrito do município de Redenção, na Região Metropolitana de Fortaleza*)?

**Karine** – *Vish...* São tantas (*risos*). Bom, no interior, (*quando*) eu morava lá, eu era meio *menininho*, né? As minhas amigas brincavam de boneca, eu jogava bola. As minhas amigas faziam guisado e eu saía junto com os meninos *pro mato pra caçar*. Era esse tipo de coisa que era minha infância, era o que eu gostava de fazer e até hoje eu gosto. Nunca fui muito *menininha*. Por exemplo, eu era sempre o ponto que destoava da história. As meninas queriam ser a Barbie e eu queria ser a índia do Apache (*povo nativo dos Estados Unidos da América*), a índia (*de pele*) vermelha lá dos *Yankees* (*vocábulo referente aos norte-americanos*), que ia pegar o homem branco e destruir. Eu já era antiamericana sem saber, né? (*risos*)

Dificuldades a gente tinha, como por exemplo, a seca. A gente juntava 15 dias de roupa, para poder ir para a serra (*levar roupas para lavar*) subir com os jumentos, com os carros cheios de roupa. Juntava minha mãe (*Ivoneide Gomes Garcêz, falecida em 1998*), as amigas dela e a gente saía de madrugada. Fazia comida pra levar: baião, farofa, não sei o quê. Isso independia da classe social que você tivesse, a dificuldade era para todos. A gente ia e levava na brincadeira a caminhada até subir a serra inteira. Eu sempre aprontava. Por exemplo, tinha fruta lá à vontade, mas eu queria a fruta do quintal de (*um*) homem lá. Eu pulei a cerca para ir pegar a manga do quintal do homem, escondida, e o cachorro dele me perseguiu. Eu aprendi a nadar nesse dia: me joguei no olho d'água para poder escapar do cachorro que *tava me perseguindo*. (*risos*)

Outras coisas que eu acho que cabem (*nessas lembranças*): a questão da escola, da solidariedade. Na época, eu estudava em casa... Meu pai (*José Ribamar Garcêz, falecido em 1987*) conseguia autorização da Secretaria de Educação para a gente estudar em casa, porque ele não achava justo a gente tirar a vaga de alunos que não podiam pagar para estudar. Mas depois a gente ia acabar entrando na escola pública, lá (*em Antônio*

*Diogo*) não tinha escola particular.

(*Algumas*) crianças eram filhas de agricultores, e a única comida que elas iam ter era aquela merenda, né? E meu pai não deixava a gente comer dela. Ele ensinava a gente a pegar o lanche e dar para essas crianças, porque, como a gente era "filho de fulano", tinha certos privilégios que essas crianças não tinham. Então, a gente pedia mais de uma vez, o lanche, e essas crianças não podiam – e elas que precisavam, não a gente. A minha mãe ia deixar a comida, o lanche pra gente na escola. E aí eu causava um problema, porque eu via meus amigos que não precisavam, que os pais podiam ir deixar merenda na escola, se esbarrotando com aquela água com macarrão, enquanto eu sabia que tinham crianças que precisavam comer. Aí eu *tacava a mão debaixo da comida*, jogava o caldo em cima dos meninos, era aquela confusão.

Além das confusões que eu fazia, (*havia a questão*) política! Meu pai era sempre envolvido na política, e eu estava sempre ao lado dele. Com oito anos (*de idade*), eu me considerava secretária do meu pai. Ele ia para as reuniões eu estava lá junto e falava, inclusive. Acho que o pessoal ouvia só por educação. (*todos riem*) Mas eu falava, me metia. Teve até a história que um político amigo do meu pai disse que tinha recebido uma doação e não sabia o que fazer com o dinheiro. Aí, falei com o dono do parque sem meu pai saber, que no Dia das Crianças o parque ia rodar de graça, porque o político que meu pai estava apoiando ia pagar o dia inteiro do parque para as crianças. Ainda fui na lanchonete também, disse que a lanchonete ia dar a fichinha para as crianças comerem o dia inteiro, que o político que meu pai apoiava ia pagar. Eu estava em nome do meu pai, né? Eu cheguei em casa e disse assim: "Pronto, pai, já tá tudo pronto. Aquele dinheiro que o homem disse que não sabia em que gastar já foi gasto." (*risos*) E o meu pai: "O que foi que tu fez, criatura?" Eu fui contar para ele e meu pai enlouqueceu. Mandou recado para o amigo dele e contou o que tinha acontecido. O homem foi lá em casa, (*eles se*) reuniram e o meu pai pediu mil desculpas. Mas o político também era meu protetor. Eu sei que chegou o Dia das Crianças, o parque inteiro rodou de graça, comida para todo mundo e deu tudo certo. (*todos riem*)

A entrevista com Karine seria a penúltima desta edição, mas a viagem da fotógrafa para a Holanda, em maio, e uma possível ida à Europa, em junho, mudaram nosso cronograma, tornando a conversa com a muçulmana a terceira da revista.

"Hoje eu nem vim de véu rosa!" Foi a primeira frase dita por Karine ao encontrar Theyse no estacionamento do Centro de Humanidades da UFC, no Benfica, no dia da pré-entrevista com as produtoras, duas semanas antes do encontro com toda a turma.

A pré-entrevista com a fotógrafa aconteceu no dia 13/05/2016, um dia após o Senado brasileiro aprovar o afastamento de Dilma Rousseff da Presidência por 180 dias. Militante de esquerda, Karine já abriu a conversa com duras críticas ao "golpe".

**Claryce** – Como era a relação com o seu pai e sua mãe naquela época?

**Karine** – A minha mãe era muito durona. Até porque, se ela não fosse, tinha estragado os filhos *tudim*, porque meu pai passava a mão por cima (*da nossa cabeça*), principalmente de mim. Acho que por isso que meus irmãos tinham ciúmes de mim, porque eu era o filho homem que meus irmãos não eram. Eu que aprontava as coisas.

O problema era que a minha mãe era muito explosiva, tinha o gênio muito forte. E ela batia mermo na gente, não tinha essa história não. Se tivesse um chicote, uma chinela, alguma coisa assim, ela metia a chibata! (*risos*) Isso era normal. Mas a relação (*com a minha mãe*) era sempre muito boa. Com meu pai eu aprendia as coisas dos meninos. E com a minha mãe, por exemplo, eu aprendi a costurar, eu aprendi a fazer crochê, eu aprendi uma série de outras coisas. Era uma relação muito boa, apesar da minha relação com o meu pai ser muito mais próxima. Quando ela morreu, eu fiquei mais próxima *com* ela.

**Caio** – Karine, José Garcêz, seu pai, nos foi descrito como um homem caridoso, que tinha um forte espírito de solidariedade. Qual a importância desse homem no seu ativismo social e na sua visão humanitária?

**Karine** – Ele tinha um discurso diferente até do próprio partido que ele participava. Tanto que ele mudou algumas vezes, justamente por discordar da atuação dos partidos. Ele foi presidente do hospital de hansenianos (*atualmente, Centro de Convivência de Antônio Diogo*), que tem em Antônio Diogo. E, na época que ele foi presidente financeiro, o hospital teve um *upgrade*. Ele conseguiu doação de uma entidade da Alemanha, que criou uma sala de cirurgia, um ambulatório completo. O hospital passou a ter bastante dinheiro, aí tomaram a presidência financeira do meu pai. Depois que ele saiu, o hospital só caiu, caiu, caiu.

Meu pai tinha essas histórias. Por exemplo, não permitia que as crianças de rua ou pobres assistissem à TV pela janela. Naquela época, quem tinha dinheiro era que tinha televisão. E meu pai não deixava, como em outras casas faziam, as crianças ficarem na janela. Tinha de abrir as portas, eram sempre escancaradas e a sala ficava cheia de *menino* assistindo televisão.

**Caio** – Essas lembranças de alguma forma te influenciam na questão do teu ativismo social?

**Karine** – Sim, sim. A gente fazia gincana pra arrecadar material escolar para a escola. A gente fazia muito trabalho social. E meu pai estava sempre ajudando, nunca ficou com um centavo de dinheiro da política, nuncal

Ele pagava medicamento na farmácia para as pessoas.

Então, essas coisas de honestidade, de solidariedade, eram muito presentes na minha família, tanto meu pai como a minha mãe eram assim. Toda pessoa que passava pedindo comida lá em casa não saía sem. Meu pai dava, de alguma forma ele dividia, minha mãe também do mesmo jeito, era sempre assim. Eu cresci como se isso fosse uma coisa natural – ajudar o outro é algo natural, não é algo excepcional. Eu acho que faz parte do ser humano. Se a gente está aqui, se a gente teve certos privilégios, é porque de alguma forma é para usar isso para beneficiar outros que não tiverem esse excesso.

**Diego** – Mas, Karine, você acha que se você não tivesse desenvolvido esse espírito transgressor, esse senso de solidariedade teria ficado um pouco mais fraco? Porque, como você tinha esse espírito de olhar adiante, você via coisas que as pessoas não percebiam, né? Você acha que teria desenvolvido isso tão forte, esse espírito solidário?

**Karine** – Eu acho que é mais por influência da minha família, a educação que eu tive. Eu acho que isso vem muito do meio em que você está inserido. Muitas vezes você desperta, lógico.

Por isso que, por exemplo, a questão do Ramadã no Islam... Não é só acordar às três horas da manhã, fazer o café, parar de se alimentar a partir das quatro e 20 da manhã e só se alimentar e beber depois das cinco e meia da tarde, não é só isso. Se dentro desse processo você não entender que a fome que você passa está ensinando a ser uma pessoa melhor, a ser mais sensível, porque outras pessoas passam por isso todos os dias... A sede que você passa, outras pessoas passam isso todos os dias... É como se fosse um meio de educação, você está se educando.

**Julia** – A gente sabe que a influência do seu pai foi muito forte na sua infância. Mas quais referências femininas influenciaram na sua personalidade de hoje?

**Karine** – A minha mãe era uma mulher muito feminista sem saber que era feminista. E ela também era uma pessoa muito forte. Meu pai tinha quase um metro e 90, e minha mãe, um (*metro*) e 52. Quando ela falava, ele ficava com um (*metro*) e 20 (*risos*)! A minha mãe era muito firme nas situações dela, ela sempre dizia que a mulher é que mantém o controle da sociedade. Ela sempre falava esse tipo de coisa. Porque a mulher que educa os filhos, a mulher que orienta a família e é a mulher que o marido recorre *pra* alguma dúvida, *pra* alguma coisa.

**Julia** – Então, essa referência da sua mãe foi bem forte, né?

Ao ouvir Claryce e Theyse explicando a dinâmica de realização de cada entrevista, especificamente a quantidade de entrevistadores, Karine riu, aparentemente nervosa, e arregalou os olhos, surpresa. A equipe a tranquilizou, na ocasião.

**Karine** – Sim, sim. Eu acho que muito da minha personalidade forte... Muito não, a minha personalidade forte vem da minha mãe. Minha mãe não baixava a cabeça pra ninguém não, podia ser homem, podia ser o que fosse e podia ter a altura que tivesse. Bicho pequeno é bicho valente, né? (risos) E ela sempre dizia que a gente tinha de estudar, tinha de trabalhar, que não era para depender de ninguém, que nós éramos seres pensantes. Apesar de toda aquela criação: de casar, casar virgem, aquele negócio todo, de ter o marido para cuidar e tal. E o meu pai também nunca me limitou por eu ser mulher e não poder fazer certas coisas (do tipo) “ela é mulher e não pode jogar bola.” Eu acho que até por isso que o meu pai passava a mão na (minha) cabeça, por ele achar que a mulher podia fazer qualquer coisa, porque meus irmãos homens não faziam o que eu fazia.

Eu defendia meus irmãos das outras pessoas, como aconteceu com a minha irmã, que uma menina colocou chiclete no cabelo dela. A gente tinha o cabelo muito grande, que a minha mãe cuidava, parecia que era ouro, sabe? Muito liso, muito preto, muito bonito. E tinha umas meninas que tinham inveja da gente. A minha irmã chegou em casa chorando e a minha mãe não sabia o que era. Até pegar no cabelo dela, levantar e ver um monte de chiclete pregado. Foi um dia inteiro pra tirar, e eu no pé da minha irmã: “Quem foi que fez isso?” E a minha irmã: “Não, não vou dizer não”. E minha irmã era mais velha! Eu disse: “Se tu não disser, quem vai apanhar é tu!” (todos riem) Até que a minha

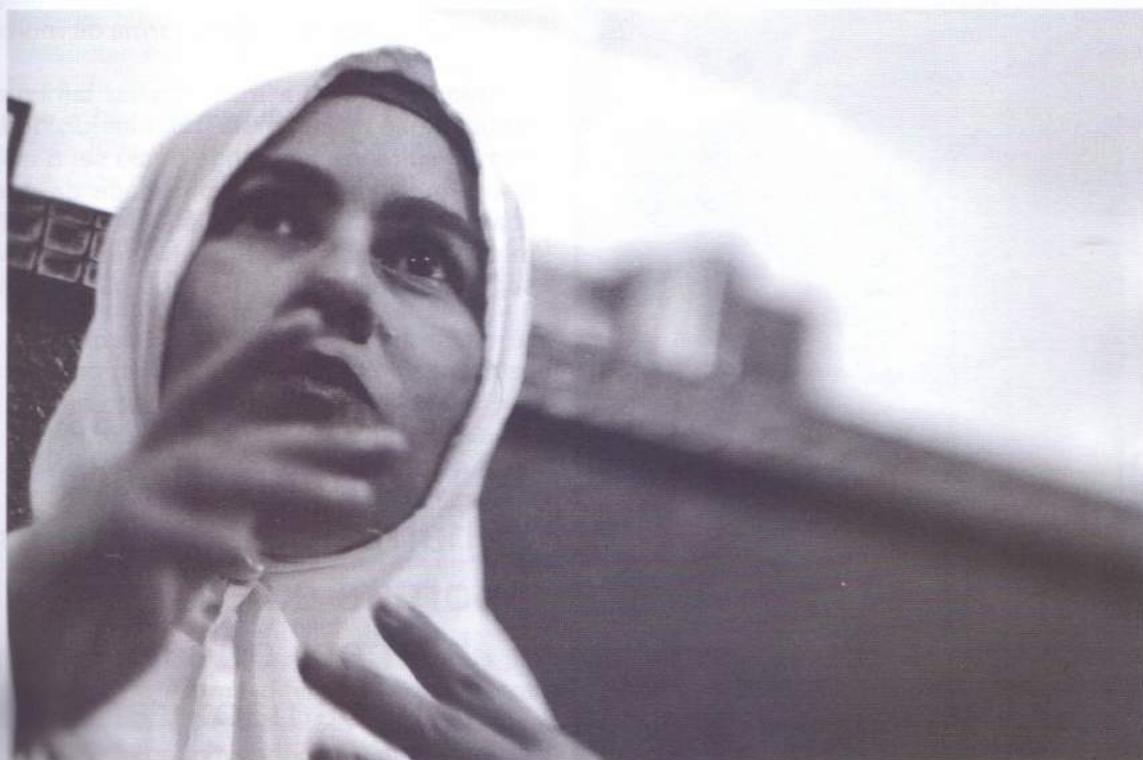
irmã disse quem era, por livre e espontânea pressão, e no outro dia na escola eu peguei a menina, joguei no chão e meti a chibata. A diretora queria me expulsar.

Isso também aconteceu quando eu fui estudar num colégio particular, que eu tava no meu primeiro dia de aula nesse colégio, uma menina entrou na sala, olhou pra mim e disse assim: “Ah, eu não vou estudar na mesma sala que uma filha de leproso não.” O meu pai tinha tido hanseníase. Aí eu: “Não seja por isso!” Peguei ela pelos cabelos e joguei pra fora da sala (risos). No primeiro dia de aula, gente, eu faço um negócio desses. Aí me botaram para fora da sala, foi uma confusão. Também queriam me expulsar e meu pai foi lá: “Se expulsar ela tem de expulsar a outra.” A minha mãe sempre deixava meu pai resolver, porque meu pai tinha mais paciência, ela ia logo estourar.

**Nícolas** – A gente percebe que seu pai e sua mãe foram dois grandes pilares na sua vida, e como você sentiu a perda dele, do seu Garcêz?

**Karine** – Ó, do meu pai e da minha mãe, a perda deles foi muito difícil, mas eu não tive tempo de sentir isso. Porque quando meu pai morreu eu tinha 13 anos, a gente passou por sérios problemas, inclusive até de ficar sem comida. Por conta da questão política do meu pai, o cara que trabalhava no INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) na época era do partido contrário do meu pai. Ele trancou a documentação da pensão que passaria para a minha mãe. Por um ano. Por um ano a gente ficou sem receber um centavo

Ao final da pré-entrevista, uma amiga de Karine foi ao encontro dela na UFC. “Tia Márcia” era como Carol Moura, que a conheceu por meio da sobrinha da fotógrafa, a chamava. “O bolo dela é maravilhoso, o melhor!” Carol fez questão de salientar.



Dias antes da entrevista, Karine expôs uma série de fotografias no Diretório Acadêmico da Comunicação Social, no Centro de Humanidades II da UFC. Alguns estudantes da turma tiveram o primeiro contato com a fotógrafa nessa ocasião.

A reunião de pauta para definir o andamento da conversa com Karine aconteceu um dia antes do encontro, na sala do professor Ronaldo na UFC. Na ocasião, a turma comprou bolo, vela e refrigerante, fazendo uma surpresa pelo aniversário do professor.



No dia da entrevista, o professor Ronaldo resolveu deixar o carro estacionado no Benfica e encontrar a turma na Avenida Bezerra de Menezes. Antes das 14 horas, ele já nos aguardava para, então, seguirmos para Caucaia, onde Karine reside.

– mais de um ano, aliás.

Minha mãe trabalhava com costura. Tinha uma galera muito sacana que mandava fazer costura e quando ia pegar (*dizia*): “Ah, dona Neide, hoje eu não tenho dinheiro não, amanhã eu lhe pago.” E muitas vezes era daquela costura que minha mãe *tava* esperando para comprar comida *pra* gente, né?

Então, você tem um padrão e, de repente, de uma hora para outra, você não tem mais nem o que comer. Foi muito difícil, então eu fui trabalhar. Não tive muito tempo para sentir, para pensar na morte dele. Sentia muita falta, lógico, mas não tinha muito tempo não, tinha de trabalhar, ajudar minha mãe. Eu fui fazer uma série de coisas: estudava de manhã, de tarde eu fazia artesanato. Contanto que desse dinheiro, eu fazia. Fazia dindin (*sobre-mesa gelada vendida em saco plástico*) para vender, fazia qualquer coisa.

**Aline** – E o que sua mãe achava de você tão nova querendo ajudar?

**Karine** – Ela ficava sentida, né? Porque queria que a gente tivesse só estudando, mas fazer o quê? Era o momento que todo mundo tinha de ajudar.

**Nícolas** – De certa forma, a educação que ela deu, de ser uma mulher forte, ajudou nesse momento, de tomar a rédea da situação e focar no que você realmente queria?

**Karine** – Sim, inclusive para os meus dois irmãos mais velhos foi muito mais difícil essa mudança de padrão do que pra mim. Acho que por eu viver mais na rua e fazer as coisas. Eu não parei para ficar chorando, lógico que eu sentia falta do meu pai, das coisas dele, mas eu faria o quê? Chorar não ia trazê-lo de volta nem mudar a situação, então tinha de trabalhar, buscar alguma forma de mudar tudo aquilo ali.

Quando a minha mãe morreu também, meus irmãos ficaram lá no interior, todo mundo sofrendo, chorando e não sei o quê. Isso também (*é*) da personalidade da pessoa. Todo mundo ficou lá, aquela coisa “ah, minha mãe morreu!” Inclusive, ela morreu segurando minha mão, pedindo para eu não

---

“Acho que por isso que meus irmãos tinham ciúmes de mim, porque eu era o filho homem que meus irmãos não eram.”

---



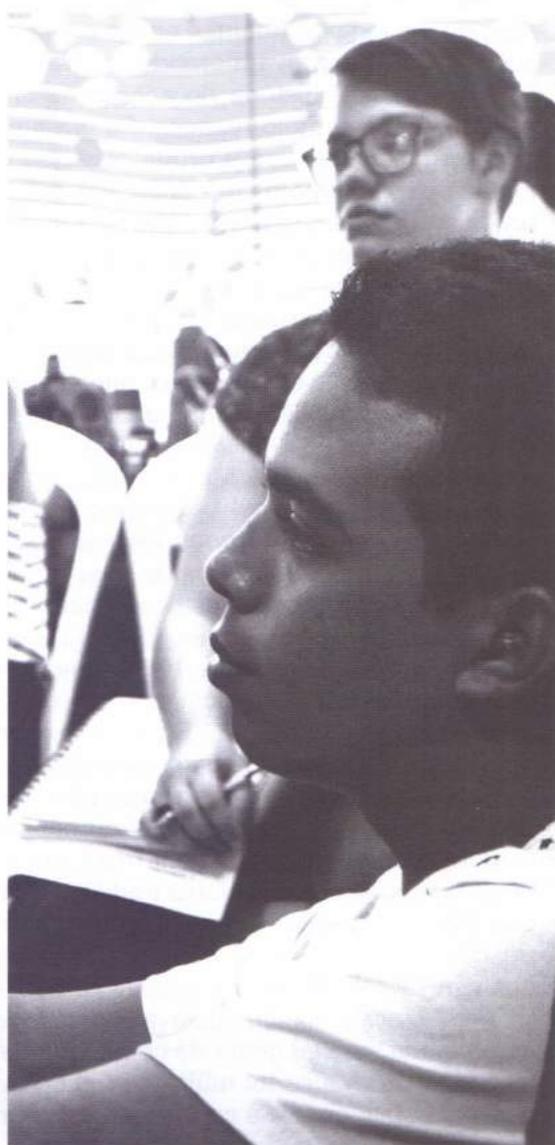
Como 11 pessoas da turma pagaram passagem de ônibus inteira em Caucaia, Nicolás indagou: "Quanto será que a gente gastou nessa viagem?" A equipe de produção calculou e, somando passagens de ida e volta, a turma gastou um total de R\$ 92,20.

deixá-la morrer. E os meus irmãos lá... E eu pensando como é que ela ia ser enterrada, onde é que eu ia arranjar dinheiro para fazer o sepultamento, como é que eu ia dizer para a minha irmã que estava grávida que a minha mãe tinha morrido, e toda essa preocupação. E assim como foi (*na morte*) do meu pai, todos os meus irmãos tinham alguém dando apoio, mas eu não tinha ninguém ao meu redor, eu é que estava preocupada com eles.

E o pessoal ficou no interior e eu voltei pra casa. No outro dia, eu tava no meio do mundo, tentando voltar a estudar para fazer vestibular e procurar emprego, porque eu tinha de me sustentar. A partir de agora eu não tinha mais ninguém, e eu tinha o Garcêz (*José Ribamar Garcêz Neto, filho de Karine, nascido em 1993*) para cuidar, né?

Às vezes, eu me pego querendo chorar e eu sou muito difícil de chorar, detesto chorar. A pior coisa para mim, na minha vida... Todo mundo diz: "Ai, (*se*) chorar eu vou me sentir mais leve." Não. Para mim, chorar é sinônimo de incompetência, de incapacidade, de não conseguir, de derrota. No meu sentimento, no meu psicológico, funciona assim. Os olhos até ficam vermelhos, ficam cheios de água e eu retenho, eu não consigo colocar *pra fora*. Talvez isso seja ruim, uma hora isso vai dar um problema, mas até agora não deu, deixa pra lá. (*todos riem*) Na hora que der problema a gente resolve, né?

**Theyse** – Só retomando essa vinda para Fortaleza. Era uma diferença grande, creio eu, entre um distrito de Redenção e a Capital, né? Quais foram as principais diferenças que



Para chegar ao apartamento de Karine, o grupo composto por 13 pessoas teve de trilhar um caminho relativamente longo, em pleno sol das 14 horas. A rua da fotógrafa é composta basicamente por conjuntos de edifícios. O dela é o último da rua.

Um forte mau cheiro proveniente do rio Maranguapinho, próximo à rua de Karine, afetou o grupo durante todo o trajeto. A turma, já acostumada com adversidades, levou a situação com bom humor e relembrou fatos parecidos nas entrevistas anteriores.

Você sentiu da vida lá em Antônio Diogo para a vida na Capital?

**Karine** – Ah, aqui é como se eu tivesse perdida no mundo. Como se tivesse entrado numa selva, porque era cada um por si. As pessoas eram individualistas, egoístas, e eu tinha vindo daquele mundo em que a minha mãe fazia duas receitas de bolo: uma para casa e outra para distribuir *pros* vizinhos. As pessoas não davam bom dia, não olhavam, não sabiam quem era quem... Ou até se aproximavam de você, mas com o intuito de se aproveitar de você de alguma (*forma*). Então, foi muito difícil me acostumar com isso e (*com*) a falta daqueles amigos que a gente tinha desde criança.

Os meus costumes eram muitos diferentes dos costumes das pessoas com quem eu passei a me relacionar, eu sempre me achava um peixe fora d'água. Mas eu não ficava *encucada* com essas coisas. Cada um é cada um.

**Julia** – Que costumes eram esses?

**Karine** – Quando eu vim morar aqui, eu fui morar na Praia de Iracema. Tinha o pessoal do vôlei de praia, e lá no interior a gente jogava vôlei também. Eu queria me enturmar, queria jogar também, e nunca consegui acesso. Como eu *tava* morando na Praia de Iracema, tinha a história do acesso às drogas, eu já ficava meio receosa. Eu era a careta porque eu não usava droga. Não que eu condenasse ninguém, mas não era minha praia, eu não precisava daquilo. Não conseguia muitos amigos, não conseguia me localizar nas coisas.

Eu gostava de um *rock* nacional e algumas bandas de *rock* internacional, mas as pessoas que gostavam não eram muito a minha praia. Eu gostava de AC/DC (*banda australiana de rock dos anos 1970*), Slipknot (*banda norte-americana de metal dos anos 1990*), essas coisas assim, né? (*risos*) Led Zeppelin (*banda britânica de rock dos anos 1960*) também, Iron Maiden (*banda britânica de heavy metal dos anos 1970*), ainda gosto. Bandas mais clássicas e mais pesadas. Pink Floyd (*banda britânica de rock dos anos 1960*), que tinha esse apelo, a história da política... U2 (*banda irlandesa dos anos 1970*)... Era mais ou menos assim: a turma que eu conheci aqui que gostava do *rock* que eu gostava só se reunia para ouvir *rock* e usar drogas, aí eu não me misturava com eles. E a outra turma a que eu tinha acesso gostava de forró tradicional, do Luiz Gonzaga (*pernambucano, cantor e compositor popular, "Rei do Baião"*), dos forrós que estavam surgindo, e eu achava *mó* *paia*.

Alimentação, eu não gostava de *fast food*, como ainda hoje eu gosto de comida que eu faço e tal. Eu nunca fui muito de beber, e o pessoal bebia, enchia a cara. Eles acabavam

me excluindo das histórias, não me convidavam *pros* cantos. Eu gostava muito de política, eles não estavam nem aí.

**Aline** – Nos primeiros anos que você veio morar aqui em Fortaleza, você ficou grávida do Garcêz. Como era para uma menina tão nova, sem os pais, ter de se sustentar numa cidade grande?

**Karine** – (*Quando eu tive*) o Garcêz eu já tinha 19 anos. Eu já trabalhava, eu não achava que... Assim, pra minha família foi o fim do mundo, né? Mas era meu (*filho*), então...

**Aline** – Mas você conseguia se sustentar e cuidar...

**Karine** – (*interrompendo*)... Eu trabalhava, era secretária. Quando ele nasceu, um ano, um ano e meio depois, descobrimos que minha mãe tinha câncer. Eu fui cuidar dela. Nunca parei de trabalhar total. Como eu sei fazer artesanato, eu sempre fazia crochê, ponto de cruz, toalhas com ponto de cruz... Fazia *pra* vender. Vendia, inclusive, no hospital onde minha mãe estava internada. Eu sempre me virei, nunca tive problema, "ah, porque eu trabalho de secretária, só vou trabalhar se for de secretária." Eu preciso de dinheiro para pagar as contas, seja como secretária, seja vendendo artesanato, seja vendendo bombom.

Eu nunca me importei com a opinião de ninguém, a opinião do outro com relação às escolhas que eu fiz. Se eu tenho convicção de que estou fazendo a coisa correta... E, quando eu era adolescente, eu sempre dizia que, se eu tivesse um filho, eu ia ter sozinha. Parece meio premonição, né? Não foi uma escolha, eu não decidi engravidar tão nova, mas, se eu engravidei, agora é meu. (*risos*)

**Claryce** – Karine, você acha que essa sua mudança de ares modificou de alguma forma a sua visão de mundo e das pessoas? Sair do interior pra Capital, ter esse choque cultural...

**Karine** – Sempre muda, né? A gente sempre muda, mas algumas coisas ficaram muito mais fortes, como a questão de não ver só os meus interesses, de não perder essa característica de saber o nome do vizinho, de conhecer, sabe? Esse tipo de coisa. Lógico que (*quando*) eu vim para a Capital, me abriu um mundo. Por exemplo, eu não tinha acesso a informações que aqui na Capital eu passei a ter, até de questão de história, de outros lugares, de outros países, de ter contato com outras coisas. Aumentou meu desejo de conhecer o mundo, mas não de deixar de ser aquela *meninazinha* do interior que acredita que possa existir um mundo melhor.

**Nícolas** – Como foi que surgiu seu interesse por fotografia?

**Karine** – Eu sempre gostei de fotografia,

Ao localizarmos o apartamento da fotógrafa, avisamos ao porteiro da nossa chegada. Enquanto aguardávamos a liberação da entrada, ele assistia à novela "Anjo Mau" (1997-1998), reprisada pela Rede Globo nas tardes da semana.

---

“Toda pessoa que passava pedindo comida lá em casa não saía sem. Eu cresci como se isso fosse uma coisa natural – ajudar o outro é algo natural, não é algo excepcional.”

---

mas nunca gostei de ser fotografada, tanto que tem poucas fotos minhas de quando criança, porque eu tava sempre atrás do fotógrafo. (risos) E o interesse por fotografia começou exatamente na viagem que eu fiz para a Arábia Saudita, para fazer o *hajj* (peregrinação que muçulmanos devem fazer, pelo menos uma vez na vida, à cidade sagrada de Meca). Eu queria fazer todas as fotos, queria registrar aquele momento. Era a primeira vez que eu saía do Brasil... Mas (o interesse) surgiu um pouquinho antes. Eu fazia roupas para muçulmanas, roupas islâmicas, e eu precisava aprender fotografia, porque eu não tinha dinheiro para pagar um editorial de fotografia de moda. Mas o interesse mesmo de sair fotografando e ser alguém que tem um olhar fotográfico de alguma coisa foi quando eu fui para o *hajj*. Aí, sim, eu disse: “É, fotografia é o que eu gosto”. (risos)

**Diego** – Nós sabemos que você desenvolve uma relação de afetividade com a fotografia, né? De quantas imagens é feito o seu olhar fotográfico? Qual o peso que essas imagens têm para você?

**Karine** – *Aff*, tu só faz pergunta difícil. (todos riem) Na entrevista que eu dei inclusive sobre essa exposição que está atrás de vocês (*Kamylla e Diego*), (a repórter) me perguntou qual o meu olhar fotográfico. Eu disse a ela que eu não sei. Não sei, eu não sei. Essa foto aqui (aponta para uma das fotos na parede), eu estava na avenida em Roterdam (cidade holandesa) e, nesse dia, por incrível que pareça, o céu tava azul, porque normalmente é cinza. Tinha dois aviões cruzando o céu, eu nem pensei, achei legal e fiz a foto. Depois que eu fiz, eu ainda olhei na câmera e quis apagar. Quando eu cheguei ao hotel, coloquei no *notebook* e mostrei para um amigo, ele disse assim: “Você não é nem louca de

apagar uma foto dessa, ela está linda!”

Essa aqui (aponta para outra foto) foi da janela do quarto do hotel que eu estava, de frente para o quarto. Tem um amigo meu que trabalha muito com o foco e o desfoque na fotografia. E eu queria fazer alguma coisa parecida com o que ele fazia, sabe? Eu estava no décimo andar, abri a janela... Tava frio, era noite, um frio desgraçado, minha mão começou a tremer, então não precisei de muito esforço pra ela ficar desfocada. (risos) E eu achei que eu poderia melhorar, eu tenho sempre essa mania de achar que eu posso fazer algo melhor.

**Theyse** – Em que contexto essa paixão por fotografia funciona como uma forma de expressão do pensamento político, do pensamento solidário, de quem é a Karine?

**Karine** – Gaza. Faixa de Gaza (região de conflito entre Israel e a Palestina). Quando eu estive lá e eu vi toda aquela situação, tudo aquilo. E eu sabia que ninguém ali ia ter a oportunidade que eu tive, né? Aqui ninguém veria aquilo que eu vi. Na Arábia Saudita, foi aquela questão de mostrar ao mundo como é o *hajj*, como é que é ser muçulmana. Mas em Gaza foi a questão da solidariedade e da política.

**Rute** – Isso também te influenciou na escolha por Relações Internacionais?

**Karine** – Eu sempre quis fazer Relações Internacionais, sempre. Sabia nem se existia o curso, mas eu sempre quis fazer, porque eu achava que Relações Internacionais me daria uma visão de mundo, de política, e de tudo que outros cursos não me dariam.

**Rute** – Quando você começou a ter essa noção?

**Karine** – Bom, quando eu era criança eu queria fazer egiptologia (estudo da cultura egípcia)... Não existia, né? (todos riem) Meu

---

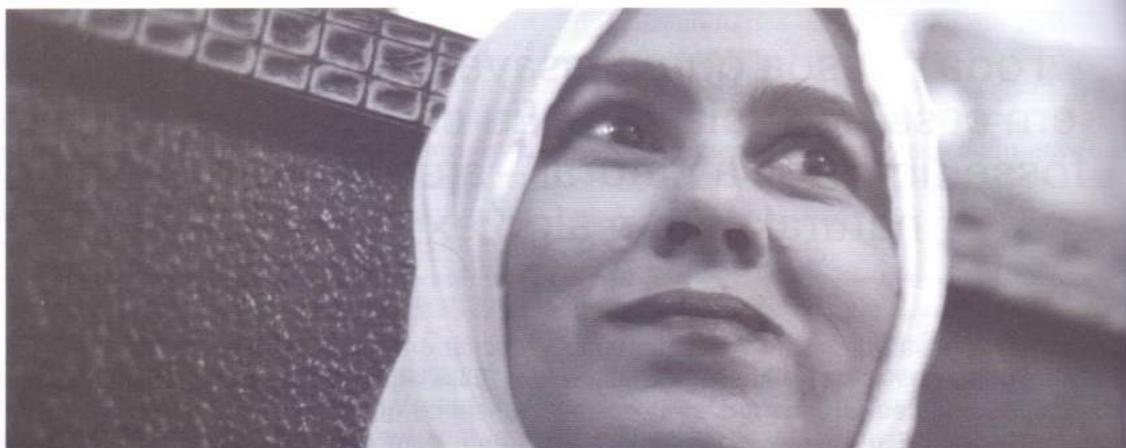
“A minha personalidade forte vem da minha mãe. Minha mãe não baixava a cabeça pra ninguém não (...) Bicho pequeno é bicho valente, né? (risos)”

---

Chegando ao andar de Karine, não achamos o número do apartamento – mas logo identificamos qual era. Na porta, um papel trazia, em árabe e em português: “Em nome de Allah nós entramos, em nome de Allah nós saímos, e em nosso Senhor nos apoiamos.”

Respeitando as tradições islâmicas, os homens que compõem a turma foram avisados de que não era permitido nenhum contato físico com Karine. Na religião islâmica, as mulheres só podem ser tocadas por figuras masculinas pertencentes às famílias.

Filipe, fotógrafo em outras entrevistas desta edição, fez curso de fotografia com Karine e se tornou amigo da muçulmana. Após conversar com a turma e a equipe de produção, decidiu acompanhar a entrevista da amiga.



---

“Para mim, chorar é sinônimo de incompetência, de incapacidade, de não conseguir, de derrota. No meu sentimento, no meu psicológico, funciona assim.”

---

pai dizia: “Não, você pode fazer antropologia”, ser antropóloga e estudar sobre o Egito. Ou fazer história. Porque eu sempre achei interessante aquela história dos faraós, das pirâmides, e veio a história do mundo árabe. Eu achava muito interessante aquela ideia. Egiptologia era impossível, aí eu pensei na Ciência Política. Mas (as pessoas) ficavam: “Você não vai ter dinheiro com Ciências Políticas, você vai ser pobre pelo resto da vida.” E eu ficava pensando: “Se eu for pobre o resto da vida, eu não vou poder ajudar minha mãe.” Ainda bem que meu pai mandou eu fazer outra coisa.

Mas eu sempre gostei de política, eu sempre gostei. Eu tinha um livro que o meu pai me deu, que foi a primeira edição do livro do Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982. *Historiador brasileiro, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, Raízes do Brasil (livro sobre a decomposição da sociedade tradicional brasileira)*). Eu amava esse livro, ele era tudo pra mim, e, quando eu vim para Fortaleza, ele ficou lá no interior e sumiu. É um livro raríssimo, que foi confiscado pela ditadura militar (Brasil, 1964-1985). Não sei como meu pai tinha aquele livro, mas ele tinha. Eu gostava de ler esse livro, mas eu (também) gostava de coisas sobre o Egito. Os meus amigos não se interessavam por essas coisas... Acho que eu sou uma extraterrestre. (risos)

**Julia** – Só para finalizar, se não fosse a fotografia, qual seria sua profissão?

**Karine** – A (área de) Relações Internacio-

nais me dá tudo isso. A fotografia também é uma forma de expressar. Eu tenho muita dificuldade de escrever, escrever aquilo que eu penso, aquilo que tá na minha cabeça. Porque eu tenho muita dificuldade de colocar no papel, sempre acho que não escrevi direito. Aí vem a história de infância. Quando eu fazia as redações na escola, era em plena ditadura militar, década de 1980, ainda era a OSPB (1962-1993. *Organização Social e Política Brasileira, disciplina do ensino básico que exaltava o nacionalismo.*), aquela (coisa) de controle. Então, a professora de redação ou de arte sempre pegava os meus textos como o que não deveria ser escrito. Porque, quando eu escrevia os textos na disciplina de arte sobre um quadro ou sobre a história do contexto da ditadura militar, eu falava contra, né? (risos) Eu falava coisas que... Né?

Isso criou um bloqueio, que eu tô tentando aprender a quebrar. Eu prefiro fotografar e mostrar pela fotografia o que penso do que escrever.

**Theyse** – Bom, a gente vai iniciar o segundo bloco da entrevista. O nosso foco agora é a religião. De onde surgiu esse interesse pelo Islamismo, numa cultura que ainda é tão divergente em diversos aspectos?

**Karine** – Bom, foi exatamente quando criança, na época que eu gostava de egiptologia, na aula de história sobre o mundo árabe, e falava sobre a religião. Surgiu aí. Não tinha Internet, era só aquela meia *laudazinha*, meia da meia da meia lauda que tinha no livro, né? Eu já adulta, acho que eu tinha

Quadros, bolsas, fotografias, muitos livros, objetos de costura, miniaturas, sofá de pneus coberto em dourado, espelho grande na parede rosa: a casa de Karine tem mesmo a cara da fotógrafa, encantando a turma.

uns 25 anos, voltei a procurar saber sobre a religião islâmica. Porque, quando eu era católica, mesmo quando era criança, que participava de grupos de jovens, eu questionava a Igreja. Tinha coisas que eu não entendia e perguntava, e não tinha respostas. Uma das coisas que eu perguntei, inclusive no colégio que eu estudei, na aula de religião – na aula de catolicismo, né? Não posso dizer que é religião, porque só ensinava a religião católica –: por que eu era responsável pelo pecado de Adão e Eva? A questão do pecado original. Eu fazia essa pergunta, acho que eu tinha uns nove anos mais ou menos. E tanto o padre quanto a professora de religião não conseguiam me explicar. E eu continuei, cresci, fazendo essas mesmas perguntas, por que eu era responsável pelo pecado dos outros?

E, quando eu comecei a procurar a religião islâmica, já adulta, uma das primeiras coisas que eu procurei foi exatamente isso, a ideia do Islam na questão do pecado original e de nós sermos punidos pelo pecado do outro. A resposta que eu recebi foi que Adão e Eva erraram, foram punidos e perdoados. No Islam diz que Deus já sabia que Adão e Eva iam cometer esses erros e, a partir daí, a humanidade passaria a crescer a partir da gestação.

Então, certas coisas foram se encaixando nas perguntas que eu fazia, aí resolvi seguir a religião.

**Kamylla** – Karine, como foi o seu processo de adaptação à religião islâmica? Você vem de uma família católica...

**Karine** – Como eu disse que era uma extraterrestre (*risos*), eu não tive nenhuma dificuldade. As pessoas ao meu redor tiveram muito mais dificuldade de lidar comigo do que eu com o que eu tinha escolhido, para mim foi natural. Nunca... Eu não me senti assim “ai, me adaptar”, não. É como se eu já tivesse sido muçulmana desde sempre.

**Kamylla** – E como foi o processo de conversão mesmo na religião? O que você fez para poder segui-la?

**Karine** – Bom, comecei a estudar, a pesquisar. E um dia eu acordei e disse assim: “Vou fazer minha *Shahada* (um dos pilares do Islamismo, o testemunho de conversão), vou ser muçulmana.” (*risos*)

**Kamylla** – Eu queria entender o que foi que aconteceu nessa aula de história para depois de 18 anos você decidir ser islâmica! (*risos*)

**Karine** – Então, na aula de história eles falavam dos povos árabes, da cultura árabe, da crença do Deus único e tudo que você fazia no mundo era em função desse Deus. Você tinha de ser a pessoa mais honesta, a melhor pessoa do mundo em função desse Deus,

porque ele estaria em todos os assuntos da sua vida. E eu achei isso interessante, porque a gente achava que Deus estava sempre só na igreja, quando ia pra missa e tal. Apesar da ideia de onipotência, onisciência, a questão era só do “*tá na missa*”, né? Vou encontrar com Deus quando estou na missa. No Islam não.

O que eu tô fazendo aqui, conversando com vocês, por exemplo, isso é uma *jihad*. Porque *jihad* quer dizer esforço, empenho, uma luta para conseguir fazer algo. Não quer dizer violência, guerra, essas coisas. E eu tenho de fazer da melhor forma possível, mais honesta em relação a Deus.

**Carol** – Como você realmente disse assim: “Agora eu vou me converter, já fiz todos os meus estudos.” Como foi esse processo? Porque a gente viu no material de produção que são três frases... Alguém disse essas palavras para você?

**Karine** – É, é a *Shahada*, o testemunho. *Ashhadu anna La ilah illa Allah wa ashhadu anna Muhammadan Rasulu Allah*, que é “Não existe divindade além de Deus, o profeta Muhammad (*Maomé, em português*) é mensageiro de Deus, e Jesus, filho de Maria, é profeta e mensageiro de Deus.” (*Karine explica, após a entrevista, que a terceira frase é dita apenas no Ocidente*)

**Carol** – Então para se tornar muçulmana, além de fazer os estudos, é só você falar essas frases em árabe?

**Karine** – É. É como se você estivesse abrindo a porta. É o primeiro passo. Mas tem todo um plano, você tem de aprender a rezar... Tem os cinco pilares da religião. O primeiro é a *Shahada*, o segundo é a oração, e esse você não vai deixar de fazer nunca. Depois o Ramadã, o terceiro pilar, que é o jejum. Se você tem boa saúde, você faz. Se você não tem saúde, não faz o jejum, mas você tem de alimentar um muçulmano pobre que está em jejum, por exemplo. Aí (*tem*) o *Zakat*, que é o tributo social, que se você tiver um lucro durante um ano... Nesse ano eu trabalhei, juntei dinheiro e, no final da história, paguei todos os impostos, paguei minhas dívidas, sobrou (*dinheiro*). Aí eu acumulei, durante esse ano, dez mil reais. Então, eu vou tirar 2,5% e vou dar para um muçulmano pobre. Esse é o quarto pilar. E o *haji*, que é o último pilar, que também é obrigatório, desde que você tenha condições físicas e financeiras. Se você tem condições físicas, mas você tem dívidas, você tem de pagar as dívidas. Aí você está isento de ir para o *haji*. Se você tem dinheiro, e não tem saúde, você tem de cuidar da sua saúde.

**Theyse** – Só para contextualizar, para você explicar um pouco do *haji*. Como foi a

Indagada pelo professor sobre onde os gravadores seriam posicionados, a equipe de produção contou com a ajuda de Karine, que logo disponibilizou um móvel. Em seguida, ela contou que havia recuperado o objeto do lixo e o reformado.

Na sala pequena da casa da fotógrafa, uns sentaram em cima de um móvel de madeira – com segurança garantida pela entrevistada –, outros no sofá feito de pneus, outros no chão. O cenário é repleto de fotografias dela e de artigos do mundo árabe.

Ao começarmos a entrevista, Karine percebeu que o momento seria fotografado e interrompeu a conversa. A fotógrafa, vaidosa que é, disse que precisava passar batom, "para sair bonita." Voltou maquiada e autorizou o início da sessão.

---

**"Aqui (em Fortaleza) era como se eu tivesse perdida no mundo. Como se tivesse entrado numa selva, porque era cada um por si."**

---

sua peregrinação?

**Karine** – A questão do *hajj*... No *hajj* eu estou repetindo o que Abraão (*um dos principais profetas do Islã*) fez. Meca, que é a... Meca é aquele cubo preto que tem na Arábia Saudita. Aquele preto é um pano, que é um templo de pedra, que foi reconstruído por Abraão.

E no *hajj* a gente faz o quê? A gente dá sete voltas em torno da *Kaaba* (*cubo preto*), que a gente chama de *Tawaf* (*nome dado às sete voltas*), que é o que Abraão fez quando ele terminou de reconstruir. A gente faz a mesma coisa, para num ponto específico e faz uma súplica. Depois a gente vai para o Monte Safa e o Marwah, que é onde a Agar (*escrava da mulher de Abraão*) percorreu em busca de água para Ismael (*filho de Agar e Abraão*), que estava quase morrendo na caminhada. E, na sétima volta que ela fez, parou num canto, começou a cavar a terra e surgiu um poço que ainda hoje existe, é o poço *Zamzam*.

Então, a gente faz essa mesma caminhada: sete vezes, vai e volta entre esses dois montes e bebe água desse poço. Depois vai para as montanhas: de um lado é onde Adão e Eva percorreram, do outro lado a gente vai para Jamarat, que é quando Deus pediu a Abraão para sacrificar seu filho, e Abraão foi para as montanhas para refletir sobre o pedido de Deus. Depois a gente vai pro Monte Arafat, que, pela filosofia islâmica, é onde Adão e Eva se encontraram quando foram expulsos do paraíso. Depois a gente volta para a *Kaaba*, faz de novo a *Tawaf*, e sacrifica um carneiro, repetindo o que Abraão fez: no lugar do filho, ele sacrificou o carneiro. Mas hoje a gente dá em dinheiro o valor do carneiro a uma ONG (*Organização Não Governamental*), que sacrifica os carneiros e doa aos pobres. Quem não faz o *hajj* também precisa fazer isso.

**Aline** – Karine, você aprendeu a falar árabe por causa da religião?

**Karine** – Eu aprendi um pouco do árabe

para a questão da oração, mas aprendi mais por conta das viagens que eu fiz. Mas é kit de emergência! Eu sei pedir água, sei pedir comida, sei pedir dormida... Sei pedir para ir ao banheiro. E algumas coisas eu consigo entender ou sei falar. Aprender (*a pedir para ir*) ao banheiro eu aprendi assim: eu estava num vilarejo na Síria e eu queria ir ao banheiro, e onde a gente estava distribuindo comida não tinha. E eu: "Como é que eu vou dizer banheiro em árabe se o povo aqui não sabe o que é banheiro?" Eu saí andando, tinha uma *senhorinha* idosa na frente da casa. Eu achei que a mulher entenderia o meu inglês e pedi para ir ao banheiro. E a mulher não entendia. Um menino, um *pivetezinho*, gritou: "*Hammam!*", que é banheiro. E eu falava *hammam* e a mulher pedia para eu gritar no ouvido dela, ela era surda, coitada. Eu já não sabia o que era banheiro e a mulher ainda era surda, né? E eu gritava "*hammam, hammam!*" A mulher nada de entender. Hoje eu falo "*hammam*" direito, mas no dia lá eu não falava, e a mulher, além de surda, não entendia eu falando errado.

Eu fui na língua oficial do mundo, o gesto, e fiz: (*simulando agachamento para urinar*) "*ssshhhhh...*" (*todos riem*) A mulher botou as mãos na cabeça e: "*Hammam! Hammam!*" E a vila inteira ficou sabendo que eu queria ir ao banheiro, né! A velha não ouvia, mas sabia falar muito alto. (*todos riem*)

E o banheiro era ótimo, eu me lembrei do interior. Eu lembrei da infância, que a gente brincava de fazer xixi na sentina e o nosso desafio era não mijar nos pés. A gente fazia campeonato de não *mijar* nos pés, quando era criança. Lá fui eu, naquele desafio: "Será que eu me lembro ainda de como era que eu fazia para não *mijar* nos pés e ganhar dos meninos?" Eu estava tão apertada que não precisou eu me esforçar, não. Já mije os pés, já foi tudo. (*todos riem*) Mas foi interessante!

Na Arábia Saudita também tinha, no *hajj*. Inclusive essa história da sentina nossa do interior vem dos árabes, eu vejo muito da gente neles. Muitas das nossas atitudes, muitas das nossas coisas eu percebo que a gente aprendeu deles.

**Nícolas** – No Islam você encontrou respostas para as suas perguntas. E o seu espírito, o que é que o seu espírito encontrou dentro da religião?

**Karine** – (*Pensativa*) Quando eu decidi ser muçulmana, quando eu comecei a seguir o Islam e a aprender mais sobre o Islam – porque eu ainda continuo aprendendo –, é como se eu tivesse encontrado... Todo mundo procura sua metade em outra pessoa, né? Eu encontrei no Islam. Meu príncipe encantado! E

Na tarde em que conversamos com Karine, fazia muito calor em Caucaia, Região Metropolitana de Fortaleza, onde ela mora. Na sala pequena, todos ficavam muito próximos. O fotógrafo da entrevista, lury, suava em bicas – abanado pelo professor Ronaldo.

eu beijei e não virou sapo. Com o Islam, eu me sinto completa. Com a religião. O Islam me completou. Quando eu relacionei a outra pessoa, é porque na maioria das vezes as pessoas acham que só se completam se encontrarem alguém, né? Não! Eu não existo se não tiver meu filho e se não tiver o Islam.

**Kamylla** – E o que mudou na Karine depois que ela se converteu ao Islamismo?

**Karine** – Vocês me fazem pensar sobre coisas que eu nunca tinha pensado! (*todos riem*) Sinceramente... O que mudou, mudou para melhor. Eu acho que eu me tornei uma pessoa muito melhor do que o que eu era. Em tudo. Até na questão da paciência, que ultimamente eu não estava tendo muita. E o Islam me deu essa paciência. Certas coisas que eu não aceitava. Por exemplo, a perda do meu pai muito cedo e passar por tudo o que eu passei. Depois a perda da minha mãe, e eu passar por situações também muito complicadas... O Islam me trouxe a certeza de que isso é um teste, que eu tenho de vencer esse teste, que eu tenho de superar isso, eu tenho de aprender com ele, refletir sobre o que está acontecendo, como que eu posso melhorar e o que eu vou aprender com isso, para que eu possa passar por outros problemas.

Inclusive até um vídeo que eu estava assistindo agora, da Viviane Mosé (*filósofa, psicóloga e especialista em políticas públicas*), em que ela fala uma coisa muito interessante: "A gente tem de viver o sofrimento, para que a gente possa se tornar mais forte, porque é o sofrimento que nos move." Não que a gente seja triste. A vida é linda, a vida é bela, mas é o sofrimento que nos move, não é a alegria, porque a alegria deixa a gente estática. A gente para naquele conformismo. Já o sofrimento não. Não necessariamente esse sofrimento tem de ser de dor, de perda, de trazer depressão. Mas de fazer com que você ultrapasse aquelas dificuldades e vá para frente. Então, o Islam me trouxe essa

paciência, e a paciência me traz a questão da reflexão.

**Ana Rute** – Karine, na condição de mulher muçulmana e feminista, como é que você observa a submissão de mulheres baseada na sua religião?

**Karine** – Durante muitos anos, a Igreja Católica submeteu, oprimiu as mulheres baseada em textos fora de contextos. Na sociedade que segue a religião islâmica não é diferente, por quê? A questão da dominação do homem sobre a mulher é histórica. É desde que as pessoas resolveram viver em sociedade, os homens sempre tiveram a mulher como parte da sua opressão. Por que os homens fazem isso? Por que os homens sempre procuram limitar o poder das mulheres? (*silêncio*) Estou fazendo uma pergunta! (*todos riem*)

Instintivamente, os homens acham que as mulheres são uma ameaça. Isso não é consciente, é inconsciente. Porque a mulher sempre vai se sobressair ao homem em tudo o que ela quiser fazer. Por isso as sociedades sempre procuraram oprimir as mulheres. E os homens sempre quiseram o poder. Por exemplo, na época do profeta *Muhammad*, até a época dos califas (*sucessores do mensageiro de Deus*) e dos sultões, as mulheres não eram oprimidas. Muito pelo contrário, as mulheres faziam parte do desenvolvimento da sociedade. A primeira pessoa a apoiar o profeta *Muhammad* e acreditar nele, naquilo que ele estava dizendo, que tinha encontrado o anjo Gabriel, que tinha falado sobre isso, não foi um homem, foi uma mulher – foi a mulher dele. Existiam duas mulheres que faziam parte da guarda pessoal do profeta, que eram guerreiras. Mas não é contado isso na história, por quê? Porque os homens sempre procuram tirar as mulheres do contexto e apagá-las da história.

A partir do momento que você tira a educação da mulheres, você tira o poder delas. Não só das mulheres, mas qualquer pessoa que não tenha educação você consegue manipular. Quando eu chego para você e quero mudá-lo, tirar você daquilo que você é, o que você faz? Vai resgatar coisas que não praticava, mas como forma de se manter como você é. E assim foi o que aconteceu com as sociedades árabes. Eles resgataram muita coisa da era pré-islâmica, que é a questão da opressão e de tirar os direitos das mulheres. E as mulheres, por não terem educação, se deixaram ser dominadas. Hoje já existe um processo contrário.

Eles usam o Alcorão na questão que diz que o homem é protetor da mulher, aí eles tiram do contexto. Na *Suna (livro sagrado dos muçulmanos baseado na vida de Muham-*

Apesar da quantidade de entrevistadores (dez), Karine demonstrou conforto e tranquilidade em relação à presença da turma e aos olhares atentos para a figura dela. A fotógrafa, inclusive, passou a entrevista inteira de pés descalços.

---

“Eu nunca me importei com a opinião de ninguém, a opinião do outro com relação às escolhas que eu fiz, se eu tenho convicção de que estou fazendo a coisa correta.”

---

Karine preparou um banquete com bolos de milho e chocolate, acompanhados de café, chá e suco, para nos receber. Tudo feito por ela. Ela insistia para que a turma comesse logo. “Sou do interior, ninguém me visita sem comer. Seria uma desfeita!”



**“As pessoas ao meu redor tiveram muito mais dificuldade de lidar comigo do que eu com o que eu tinha escolhido (...) É como se eu já tivesse sido muçulmana desde sempre.”**

Garcêz Neto, filho da Karine, estava em casa durante toda a tarde em que entrevistamos a mãe. Enquanto a fotógrafa conversava com a turma na sala, o estudante de engenharia ouvia *hip-hop* em alto volume, no quarto.

*med*) o profeta dizia que os homens não permitissem as mulheres de viajar sozinhas pelo deserto. Eles usam isso para dizer que as mulheres não podem viajar sozinhas. Mas, na época do profeta, de Meca para Medina, eram dias de viagem no meio do deserto. Tanto homem como mulher, nenhum viajava sozinho. Como você vai viajar sozinho no deserto? Não tem como. Hoje em dia, você está no avião, tem 300 pessoas, você está num ônibus tem, teoricamente, 52... Mas têm 300 também, né? (*todos riem*) Então, como você vai proibir a mulher de viajar sozinha? Ela não está sozinha. O homem é protetor da mulher, não é possuidor da mulher!

O homem e a mulher são iguais perante Deus. Eles são diferentes na sua participação na sociedade. E a questão que diz que o homem pode bater na mulher, no Alcorão não tem isso. O profeta diz: "O melhor entre vós é aquele que é o melhor para a sua família. E eu sou o melhor entre vós." O profeta nunca bateu nas suas filhas nem nas suas mulheres. Então, onde é que está a agressão, a violência à mulher?

---

**"(Quando) eu vim para a Capital (...) aumentou meu desejo de conhecer o mundo, mas não de deixar de ser aquela *meninazinha* do interior."**

---

**Caio** – Karine, para você, em que se diferencia o feminismo dentro dos preceitos do Islam do feminismo Ocidental?

**Karine** – No Islam, o feminismo é muito forte. As mulheres têm seus direitos e eles devem ser respeitados. O feminismo islâmico é da seguinte forma: o meu parâmetro do que eu posso fazer, do que eu posso ser, sou eu, e não o outro. Não o homem. "Porque o homem pode fazer uma coisa, eu também posso", não. Eu posso fazer porque eu estudei, porque eu tenho condições, porque eu tenho inteligência, porque eu posso fazer.

As mulheres muçulmanas estão lutando por direitos que já existem, como o direito ao voto. Na época do profeta *Muhammad*, as mulheres já tinham direito ao voto, já tinham direito de herança. Foi estabelecido que elas tinham esse direito. Na Arábia Saudita, (*somente*) em 2015 que a mulher teve direito ao voto. Estão seguindo a religião islâmica? Não. Estão seguindo a *Sharia* (*conjunto de leis islâmicas*)? Não.

Na questão do feminismo tem essa diferença: já existem as leis, mas elas não estão sendo cumpridas. E elas (*muçulmanas*) estão lutando para que essas leis sejam cumpridas. Em outros países, como o Afeganistão e o Paquistão, as mulheres estão lutando pelo direito de estudar. E isso não é do Islam! Muito pelo contrário. Tanto o Alcorão como o profeta dizem que o muçulmano e a muçulmana têm o direito à educação, têm direito a estudar e têm a obrigação de buscar conhecimento.

Então, a diferença do feminismo Islam para o feminismo atual é justamente esta: é resgatar as leis que já existiam e foram mo-

Carol, amiga de Karine, também estava na casa da fotógrafa no dia da entrevista. Depois de mais ou menos uma hora que a conversa se seguia, ela se juntou à turma, permaneceu em pé e acompanhou o momento.



---

## “Todo mundo procura sua metade em outra pessoa, né? Eu encontrei no Islam. Meu príncipe encantado! E eu beijei e não virou sapo.”

---

dificadas ou deturpadas, que elas voltem a prevalecer. E no Ocidente as mulheres estão lutando por conquistar direitos, né? E não resgatar direitos. É mais ou menos isso.

**Aline** – A questão da vestimenta: tem um superpreconceito entre as próprias mulheres. Elas julgam muito mulheres que gostam de usar o *hijab* e lutam por isso. Eu queria que você explicasse um pouco o significado da vestimenta. Por que você escolheu isso?

**Karine** – O véu é como... Uma mulher muçulmana é como se fosse Maria, mãe de Jesus. Ela está seguindo as mesmas coisas que Maria seguia. O recato, a questão da submissão a Deus... E no Islam não só as mulheres têm de se cobrir, os homens também têm. As mulheres cobrem mais porque elas têm mais a mostrar. Mas os homens também não podem andar de *short* acima do joelho, de camiseta mostrando o corpo... Porque o Islam não renega que os dois têm desejos. O homem desperta o desejo da mulher e a mulher desperta o desejo do homem, essa é a ideia do Islam.

O nosso corpo foi dado por Deus, ele é sagrado, por isso a gente tem de preservá-lo. E vem não só a vestimenta, como a alimentação saudável, para não ficar doente. Por exemplo, a carne de porco é proibida. Uma série de coisas. Então, a gente tem de cuidar bem do nosso corpo, não pode causar danos a ele.

Ela (*Aline*) fez uma pergunta sobre o véu. As pessoas têm preconceito mesmo. A freira pode usar o véu, mas eu não posso, por quê? É o mesmo sentido, submissão a Deus, não é submissão ao homem. E, se eu não uso o véu, não é a sociedade que vai me cobrar, mas é Deus que vai me cobrar, e é com Ele que eu vou me entender. Não é você que vai (*dizer*): “Ai, você não tá usando o véu, você não é uma boa muçulmana.” Eu posso ser muito melhor muçulmana do que uma que usa véu. E quem vai saber disso é Deus.

**Nícolas** – Qual é seu último pensamento quando você coloca o *hijab* todo dia e pisa ali fora no seu portão, sabendo que lá fora tem gente que não vai compreender do jeito que você está explicando e a gente está absorvendo agora?

**Karine** – Se ferrem! Se joguem da ponte! Eu vou sair do jeito que eu quero. Se afoquem num copinho de Coca-Cola! (*todos riem*) Não me importo.

Uma vez, lá no bosque da Humanidades (*área de convivência do Centro de Humanidades I da UFC, no Benfica*), um casal homossexual quando me viu... Eles estavam tranquilos, quando eles me viram, começaram a se pegar. E olhavam para mim. Eu sabia que eles tinham feito isso para me provocar. E eu continuei lá tomando meu sorvete, tranquila e calma... Chegou um amigo meu, que é amigo deles e é homossexual: “Karine!”, falando comigo. Eu vi, eu fiquei observando, eles baixaram a cabeça e saíram. Quer dizer, eu vou me incomodar com isso? Não vou.

**Theyse** – Você mencionou essas situações em que enfrentou preconceito. Como é ser muçulmana aqui no Ceará, com uma cultura diferente e incompreendida por falta de conhecimento de outras pessoas?

**Karine** – Normalmente eu faço assim: ignoro. Mas é muito difícil. Eu deixei de procurar emprego porque cansei de procurar e receber “não”. Vou receber “não” sempre, não vou conseguir emprego porque eu uso véu. Vão sempre dizer para eu tirar o véu. Então, eu tenho de me virar com outras coisas. Inclusive na fotografia, algumas coisas eu não consigo fazer porque sou muçulmana. É um desafio diário... Como eu falo, é uma *jihad*, você lutar contra o preconceito. É um esforço de todos os dias. E vai ser sempre, até conseguir mudar isso. Não sei se um dia conseguirei.

Eu já entrei em loja que as vendedoras ficaram rindo, olhando *pra* mim e rindo. E eu saí da loja, quem perdeu foi elas. Eu não perdi nada, elas perderam a venda. Teve uma loja que eu entrei que a mulher, quando me viu, saiu assustada e... Eu estava contigo, né? (*refere-se ao Filipe, amigo dela e da turma*) Eu estava com o Filipe. A mulher, literalmente assustada, se benzendo, e saiu. Uma vez eu passei no carro, ali em frente ao Mercado Central (*localizado no Centro de Fortaleza*), estava um trânsito horrível, porque era dia de feira, um homem perguntou: “A senhora é muçulmana?” “Sim, sou.” “Legal ter uma muçulmana por aqui...” O cara que estava do lado disse: “Cuidado, senão deve ter uma bomba”, não sei o quê... Eu olhei para ele e disse: “A única bomba que tem aqui é a tua cabeça de ignorância.”

Já são 11 anos (*que ela é muçulmana*), então meio que já é comum, virou atividade

O estado de saúde de Ana Rute e Julia não estava nos melhores dias: a primeira sofria com uma crise de enxaqueca e a segunda, com cólicas. Mas as entrevistadoras ficaram firmes e fizeram diversas perguntas durante a entrevista.

*Feeling do ofício: no meio da entrevista, Karine pediu para Filipe acender a luz. Ao fazê-lo, lury percebeu a diferença no ambiente e disse: “Meu mundo mudou”. Karine respondeu: “Tu tirando as fotos e eu nem tinha me tocado!”*

Todos os termos em árabe ditos pela entrevistada foram anotados por Theyse. Ao final da conversa, integrante da turma procurou Karine para esclarecer grafias e significados. Prontamente, a fotógrafa soletrou todos.

normal. Os olhares... Tanto que eu nem percebo mais. Se eu for ficar pensando sempre nisso, eu não vou viver. Eu vou ficar infeliz. E quem vai perder sou eu. Eu vou deixar de viver. Eu tenho de entender que quem está perdendo são essas pessoas, a oportunidade de conhecer uma pessoa linda como eu, né? (*todos riem*)

**Carol** – Já que a Theyse entrou nesse assunto do preconceito. Você falou que sofre preconceito das pessoas de fora. E, dentro do Islam, tanto o cearense quanto o brasileiro, você sofre algum preconceito por ter sido uma mãe solteira, por ter essa visão mais à frente, essa visão mais feminista?

**Karine** – Não por ser mãe solteira. O que eu fiz antes do Islam não há problema. Mas por eu ter essa visão, sim. Essa visão política, essa visão feminista... Atuar politicamente. Sim, eu tenho problemas, muitos problemas. Muitos problemas! Até porque muita gente, por ignorância da religião que pratica, acha que só rezar resolve. Muitos acham que para ser muçulmano é rezar, vestir roupa de árabe. E não é assim, o Islam não é uma farda. Não foi estabelecida uma farda.

Por exemplo, existe um *hadith* (*corpo de leis sobre a vida de Maomé*) do profeta que fala sobre fotografia. Mas fotografia, na época do profeta, eram esculturas. A tradução do árabe para o português é fotografia. Então, eles acham que se tirar foto vão estar cometendo um pecado, não pode se fazer foto. Se não pudesse fazer foto, não tinha sido um muçulmano que tinha desenvolvido a ideia da câmara escura. É estúpido pensar assim! As pessoas falam da questão do radicalismo, extremismo. O profeta *Muhammad* disse que “as pessoas que buscam o radicalismo e o extremismo buscam a perdição.” Você tem de ser uma pessoa coerente, uma pessoa do meio, uma pessoa centrada. Quem busca o extremismo está buscando a sua perdição.

**Claryce** – Em um dos *posts* no *Facebook* você disse que não tinha TV em casa.

**Karine** – Tem não.

**Claryce** – Mas qual o motivo de você não ter?

**Karine** – Falta de utilidade. Eu não vejo utilidade em TV. Não tem, assim... Canal fechado é desperdício, eu não tenho tempo pra televisão. Os programas são todos fúteis, sem qualidade nenhuma. Novela, pelo amor de Deus! É tudo alienação! Agora, assistir a um jornal, você olha assim e diz: “Que merda é essa que esse cara tá falando?!” Ou então você fica pensando: “Como é que um cara se submete, por causa de um salário, a falar uma porcaria dessa?”

**Claryce** – Você considera que a mídia alimenta os preconceitos? Voltando mais para a realidade do Islamismo.

**Karine** – Sim! A mídia alimenta ódio e preconceito ao muçulmano e ao Oriente Médio. A tudo que não é Europa nem América. A mídia, infelizmente, marginaliza o muçulmano. Quando alguém comete um erro, se é muçulmano, ele perdeu o nome, nacionalidade, perdeu tudo. Ele é muçulmano, única e exclusivamente. E muitas vezes ele nem é muçulmano, ele é árabe, cristão, mas o nome é árabe então já é muçulmano. Com a questão da Palestina, coitados! Os pobres dos palestinos estão lá, sendo comidos, violentados nos seus direitos constantemente... Mas por eles resistirem a tudo isso, eles que são violentos. Quer dizer, o ladrão entra, rouba tudo, e, se você se defende do ladrão, você é que é o violento, né? Você é que é o agressor.

**Theyse** – Karine, você mencionou, na pré-entrevista, que foi uma das fundadoras dos centros islâmicos daqui, mas você é afastada de lá. O que motivou isso? Foi divergência de pensamento?

**Karine** – Exatamente. Essa divergência de pensamento e porque lá eles são muito machistas e mulheres não participam das diretrizes, da administração, e isso não está dentro da religião islâmica. Eu combatia isso, até que eu cansei. Vai pra lá, vou viver minha vida! Tem certas lutas que não é que você abandona, mas você dá um tempo. Não é que você foi vencida, mas deixa dar um tempo.

**Ana Rute** – Você já relatou, nesta entrevista mesmo, que às vezes se sente como um ET, e também teve um sentimento de deslocamento. Onde ou em que circunstâncias você tem o sentimento de pertença verdadeira?

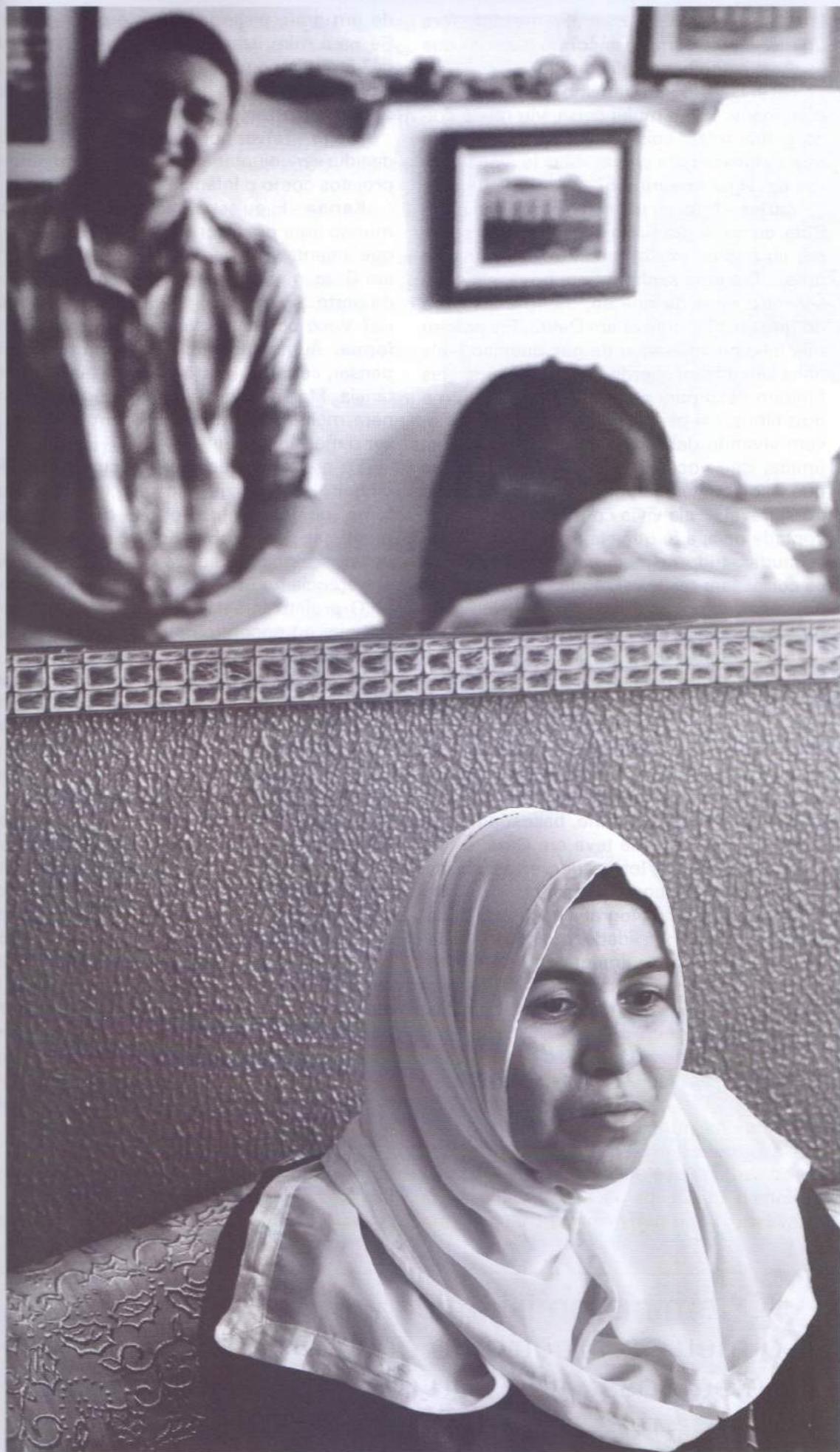
**Karine** – Eu me sinto extraterrestre pelas escolhas que eu faço, mas eu não me sinto fora do mundo. Eu tô no mundo. Eu não me isolo das pessoas, apesar de sempre me sentir diferente delas, né? Mas, por exemplo, nas relações que eu tenho mais próximas, Carol (*uma das melhores amigas da Karine*), Garcêz, meu filho... Meu filho não é só meu filho, ele é meu amigo. Às vezes a gente se perde nessa relação de mãe e filho em ques-

A fotógrafa se mostrou muito atenciosa com as perguntas dos alunos. Em algumas questões, ao final da resposta, sempre perguntava: “Respondi a sua dúvida?” E complementava com comentários sobre a falta de clareza de algumas pessoas nesse tema.

---

“A vida é linda, a vida é bela, mas é o sofrimento que nos move, não é a alegria. Porque a alegria deixa a gente estática.”

---



Diego, entrevistador conhecido por fazer perguntas de cunho mais poético, foi alvo do espírito brincalhão de Karine. Logo na segunda pergunta dele, a fotógrafa comentou: "Ele é do doutorado, é?" Diego e todo o grupo caíram na gargalhada.

Quando indagada sobre o gosto por fotografia, a muçulmana disse que não gostava de ser fotografada, por seu jeito tímido de ser. Em resposta a esse comentário, lury, que a estava fotografando, brincou, soltando um "Desculpa", fazendo Karine rir.

Com os gravadores já desligados, Karine contou que a viagem à Holanda, da qual ela retornou dia 29 de maio, foi regada a dificuldades. A fotógrafa viajou apenas com o dinheiro das passagens de transporte público de lá, cuja moeda é o euro.

tão de amizade. Então, eu não me sinto fora do mundo. Eu sempre encontro pessoas que acabam caminhando ali comigo.

**Nicolas** – No seu trabalho em Gaza, você certamente viveu muita coisa, viu muita coisa, sentiu muita coisa. E você disse que era muito durona para chorar. Mas lá, você chorou em algum momento?

**Karine** – Não, eu me segurei. (*Karine ri*) Na Síria, eu me segurei. No Líbano eu não segurei, eu chorei. Infelizmente. Pela história de uma... Era uma senhora bem nova, ela deve ser mais nova do que eu, muito mais nova do que eu. Ela morava em Dahra. Ela perdeu três filhos num ataque de gás químico – ela tinha cinco filhos, perdeu três. E quando eles fugiram de lá para o Líbano, ela, o marido e dois filhos, ela perdeu o marido. E eles estavam vivendo debaixo de uma caixa d'água, úmida, que você não consegue... Tu acha que isso aqui tá abafado? Lá onde ela vive é irrespirável. E ela vivia com os dois filhos. A vontade dela, a fé que ela tinha de que tudo ia mudar, tudo ia melhorar, que uma hora as coisas iam melhorar, aquilo me... E ainda hoje eu fico com os olhos cheios de lágrimas de lembrar dela e do filho dela, o menorzinho. Da força e da fé em Deus que eles tinham. Eu fiquei pensando: “nossa, quantas vezes eu fracassei na minha fé? E essas pessoas tão fortes...” Eu fiquei pensando, aí eu chorei. E ainda hoje eu choro. Tu veio falar, eu vim me lembrar, aí não dá certo. (*Karine seca os olhos marejados*)

**Kamylla** – Então, Karine, baseada nessas experiências que você teve em Gaza, o que influenciou na tua forma de ver as coisas, como fotógrafa e como pessoa?

**Karine** – Com a fotografia me veio a questão de mostrar a realidade, mostrar a verdade, mostrar o que realmente é aquele povo, e não o que (*os meios de comunicação*) passam de pessoas violentas, pessoas que matam por qualquer coisa.

Certas coisas para mim não são mais tão importantes assim. Roupas de marca, coisas de marca... Ter. Se não era importante, não tem nenhuma importância hoje.

Na Turquia, por exemplo, eu saí várias vezes do campo de refugiados descalça. Eu tirei a minha bota e dei para a *meninazinha* lá que estava sem bota, sem meia nem nada, no frio

de um grau, pisando naquele chão gelado. Se para mim estava frio, imagine para ela, né? E eu tirei o sapato, dei para ela e depois o pessoal arranjava outro para mim. E eu dei de novo, e arranjaram outro. (*Karine ri*)

**Diego** – Talvez por isso mesmo é que você decidiu ser voluntária em Gaza e empreender projetos como o Infância Refugiada?

**Karine** – É, eu acho que a gente está neste mundo aqui *pra* fazer o bem. Então, como é que a gente vai fazer isso? Quando eu estive em Gaza, na Síria, e eu vi a guerra, as coisas de perto... Você tá ali a um passo da morte, né? Você começa a ver o mundo de outra forma. Automaticamente, assim, sem nem pensar, certas coisas já não têm mais importância. Mas a vida e o que você pode fazer para melhorar o mundo é que começam a ser o mais importante.

Eu não tenho desejo de acumulação de dinheiro. Lógico que eu não quero passar fome, né? Eu prefiro formas de fazer todo mundo se desenvolver do que eu me desenvolver sozinha. Se eu tiver minha casa, e de preferência for um sítio, tá perfeito pra mim.

O projeto Infância Refugiada é uma forma que eu encontrei, através da fotografia, de tentar realizar o sonho dessas crianças – não todas, mas pelo menos uma parte –, que é o de voltar à escola. Para que sonho mais grandioso e mais importante de ser realizado do que o desejo de uma criança de voltar à escola, de voltar a estudar? Eu acho que isso é a coisa mais importante.

Ontem, eu estava na topique e uma menina falando que não gostava de estudar. Eu lembrei do vídeo de uma menina da Síria que perdeu a perna, num bombardeio, e colocaram uma prótese nela, mas não é a ideal, e ela tem de andar quilômetros para poder chegar à escola. Ela disse que chega muito cansada, com dor. Mas gosta de estudar. E ela diz assim: “Existe alguém no mundo que não gosta de estudar?” Por essas coisas que eu acho que essas crianças merecem um esforço, merecem a gente tentar conseguir fazer com que elas voltem à escola, voltem a estudar.

**Theyse** – Karine, qual é o espaço que a religião, o Islam, os seus princípios ocupam nas tuas decisões, na tua vida?

**Karine** – Eles fazem parte de tudo. Eles

Reforçando o espírito aventureiro, ela contou que já foi pra Síria com apenas R\$ 50, garantindo que “não tem medo de passar fome no mundo árabe.” Ela contou sobre um homem libanês que deu um pacote de comida a ela, em Beirute, ao saber que ela é muçulmana.

---

“O feminismo islâmico é da seguinte forma: o meu parâmetro do que eu posso fazer, do que eu posso ser, sou eu, e não o outro. Não o homem.”

---

fazem parte de tudo. Os princípios que eu aprendi com os meus pais, com o meio que eu vivia, a questão de ser honesta, de ser correta e tal. E a religião, ela está... Tá tudo junto e misturado. Não tem uma coisa sem a outra.

**Claryce** – Você disse qual era o significado do seu nome...

**Karine** – *(interrompendo)*... Em árabe é Karim...

**Claryce** – *(interrompendo)*... Quer dizer benevolência, solidariedade, bondade.

**Karine** – Isso. Eu descobri depois do Islam.

**Claryce** – Se Karine quer dizer, resumindo, carinho...

**Karine** – *(interrompendo)*... Vai ver que foi destino. O Islam tem um destino: o nome da pessoa, a personalidade da pessoa.

**Claryce** – Como é que você se definiria? Quem é a Karine Garcêz?

**Karine** – As perguntas difíceis se transferiram pra ti, é? *(todos riem)* Carol *(amiga da Karine que assistia à entrevista)*, ajuda aí! Eu não sei dizer não, o que é que eu sou. Sinceramente... Ajuda aí, Filipe! *(Filipe responde que ela é uma pessoa sem medos)* Não, mas eu tenho medos. Eu tenho medo de morrer e deixar o meu filho sozinho, sem uma casa, sem um lugar para morar. Eu tenho medo de



Na hora do lanche, desajeitado como sempre, Filipe tingiu a toalha alvíssima da mesa da fotógrafa derramando uma xícara de café. Ela brincou: "Quero saber não, só sai daqui quando limpar! Sei não, viu?"



Ao fim da entrevista, o tom era de descontração. Enquanto todos experimentavam os bolos e o café da Karine, a fotógrafa sondava o professor Ronaldo sobre o desempenho da turma, ao que ele permanecia enigmático.

Cada entrevistador recebeu livretos com mais informações sobre a religião islâmica. Uma das obras falava de "mito e realidade" sobre a mulher no Islã, assunto que esteve presente durante boa parte da entrevista.



"Eu deixei de procurar emprego porque cansei de procurar e receber 'não'. Vou receber 'não' sempre, não vou conseguir emprego porque eu uso véu."

deixar ele sem uma estrutura básica para se desenvolver. Ninguém é sem medo, né? Sinceramente, eu não sei te responder.

**Theyse** – Karine é alguém em constante definição, que agrega significados todos os dias, né?

**Karine** – Tá aí! Me dá aí o celular, que agora eu lembrei de uma frase do Foucault (*Michel Foucault, 1926-1984. Filósofo e teórico social francês*), que até eu compartilhei. "Não me pergunte quem eu sou e não me diga para permanecer o mesmo." Acho que isso é bem... Doida, perturbada, louca... Eu não sei o que eu sou!

A turma inteira, o fotógrafo e o professor Ronaldo foram para casa no mesmo ônibus. Todos correndo ao mesmo tempo para atravessar a BR-222 em horário de pico, sem faixa de pedestre ou passarela, foi uma das partes mais cômicas após a entrevista.

